

Alfredo Melão vem para o Benfica

O interior-direito do Atlético de Luanda é a nova aquisição do Benfica, em África

CONVIDADO pela Direcção do Sport Lisboa e Benfica a ingressar no popular clube lisboeta, conforme provam os telegramas trocados e que nos foi dado ver, Alfredo Melão, o magnífico interior-direito do Clube Atlético de Luanda, deve seguir para a Metrópole nam dos primeiros vapores, possivelmente no «Lourenço Marques».

Como é do conhecimento dos leitores, além de Fernando Peyroteo e de Espírito Santo, os dois jogadores angolanos actualmente mais em evidência no desporto português, outros atletas desta parcela do Império Colonial alinharam já em vários clubes metropolitanos. Todos eles procuraram representar o melhor possível esta colónia que lhes servia de berço.

Certos estamos que Alfredo Melão, um moço cheio de habilidade, venha, com os ensinamentos do seu treinador, atingir uma elevada posição no desporto nacional.

Quando lhe solicitámos uma entrevista para «Stadium», Alfredo Melão, que se encontrava a trabalhar nos escritórios da Mampira, amavelmente se colocou à nossa disposição.

— Ouvimos falar na sua ida para a Metrópole. O que nos pode dizer a esse respeito?

— Olhe. Soube há tempos, por uma carta de um antigo companheiro da minha equipa, o Boavista, actualmente no F. C. do Porto, a estudar, que o Benfica andava a tratar da minha ida para lá. Porém, nunca tive conhecimento de nada, oficialmente. Eis porque me surpreende o telegrama que recebi há dias.

Melão tirou do bolso o referido telegrama, no qual se lê o seguinte: «Alfredo Melão—Mampira—Luanda. Tudo tratado sua transferência Lisboa jogar Sport Lisboa Benfica. Pode trazer noiva. Transporte nossa custa. Honorários superiores actuais. — Bermades, Presidente».

Longo a seguir mostramos outro, que não reproduzimos por se tratar apenas da confirmação do anterior.

— Está então satisfeito?

— Sim. Muito satisfeito — respondeu-nos o nosso entrevistado. Sempre ambiciono jogar na Metrópole. Além disso, gostava imenso de conhecer Portugal, especialmente Lisboa, de que me contam tantas maravilhas.

— Sente-se com coragem de

poder jogar ao lado dos grandes jogadores, como Francisco Ferreira e Gaspar Pinto, etc?

— Porque não? Vontade não me falta. Estou convencido que, se encontrar um bom treinador, poderei fazer boa figura. De resto, conheço o Espírito Santo, sei o que jogava e veja como ele se aperfeiçoou.

— Quantos anos tem?

— Vinte e quatro. Já é tarde para aprender, mas, com boa vontade, tudo se faz. Veja o exemplo que nos dá o «Pinga», um elemento de elevada categoria e que ainda hoje, apesar da sua avançada idade, é um ótimo jogador.

— Há quanto tempo pratica o futebol?

— Desde muito que dou pontapés na bola. No entanto, só há oito anos comecei a jogar oficialmente e em primeiras categorias do Atlético.

— Na Metrópole, em que vai empregar a sua actividade, à parte do futebol?

— Continuarei a ser empregado do comércio. O Benfica tratou da minha transferência para a sede da Mampira, em Lisboa.

— Não fica com saudades de Luanda e do seu clube?

— Com muitas saudades — respondeu-nos Melão. Foi aqui criado e educado e no Atlético conheci muitos dos meus melhores amigos.

Qual é a sua opinião sobre o desporto angolano?

— Há, em todos os que praticam desporto, grande vontade em fazer mais e melhor. Por exemplo, no futebol, como sabe, existem rapazes cheios de qualidades, mas a falta de orientadores e bons dirigentes não permite o seu desenvolvimento.

Alfredo Melão representou já várias vezes a capital de Angola, entre elas uma contra a selecção do Pool, do Congo Belga e Congo Francês. Agil, mexendo bem o esférico, Melão pode muito bem atingir um lugar de grande relevo no futebol português.

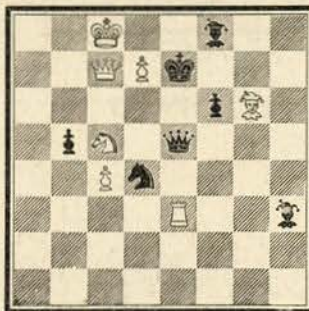
Jaime Armando

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

PROBLEMA XXIV

«Ensaio»



2 X

PROBLEMA XXV

«Ignotus»



2 X

XADREZ

João de Moura

ganhou o Torneio de Mestres

INTEGRADO no programa da nova orgânica do xadrez desportivo, iniciou-se o Campeonato Nacional da modalidade com a realização do Torneio de Mestres, que foi disputado entre seis titulares inscritos e cinco candidatos à categoria.

A classificação final desta primeira fase da grande prova foi a seguinte:

1.º—João de Moura, 6,5. 2.º—José Dore, 6,3. 3.º—dr. Peter Braumann, 6,4. 4.º—dr. Fernando Encarnação, 5,5. 5.º—Gabriel Russell, 5,5. 6.º—dr. Mário Machado, 5,5. 7.º—Rui Nascimento, 5,8. 8.º—Alexandre Gonçalves, 5,9. 9.º—Eng. Nandin de Carvalho, 5,10. 10.º—Eng. Ronald Silley, 2,5. 11.º—Carlos Pires, 2,5 pontos.

A luta desenvolveu-se renhida e erizada de espinhos para os estreantes, que buscavam a «chance» de ingressarem na categoria superior. A tentativa foi coroada de pleno êxito para os cinco pretendentes. O quadro de honra do xadrez desportivo foi assim «refrescado» com cinco novos elementos, confirmando-se com uma única excepção, a forma estacionária dos mestres portugueses.

O ex-campeão nacional, João de Moura, foi o vencedor da prova. O seu jogo calmo e seguro — que sabe ser agressivo quando se lhe proporciona a oportunidade — predominou no choque dos estilos em presença.

O estreante Dore, em excelente forma, foi o mais directo rival do vencedor. Esplêndida intuição e boa concepção de jogo e de teoria.

Braumann estaciona. Boa actuação, no entanto. Dá a impressão que só o contacto internacional lhe rasgará novos horizontes.

A 4.ª classificação do candidato português Fernando de Encarnação foi uma das surpresas do torneio. Jogo sóbrio e seguro, aliado a prometedora intuição.

O veterano Gabriel Russell continua a dar boas provas. Foi um escolhido para os estreantes, o único que saiu invicto do embate com a equipa dos candidatos!

O dr. Mário Machado demons-

tra mais uma vez solidez excepcional, espelho de uma classe que não quebra. Os seis empates são bastante conclusivos.

Para o 7.º posto empatou um lote de estreantes, com a percentagem mínima que requeria a candidatura. Rui Nascimento, depois de bater João de Moura, salientou-se ainda no decisivo arranço final.

Gonçalves, campeão nortenho, jogou muito bem. O relógio foi um «adversário» mais. Na partida com Moura, a «seta» caiu, antecipando-se ao lance por escassos segundos!

A actuação de Nandin foi discreta. Sendo dos poucos que cultiva a teoria, é uma questão de tempo e treino a sabida a postos de maior destaque.

Bastante distanciados, classificaram-se a seguir Ronald Silley e Carlos Pires. Boa réplica do primeiro — e surpreendente actuação do segundo. Carlos Pires perdeu o título numa luta inglória, enquanto desportiva, que lhe proporcionou o maior revés de toda a sua carreira. A punição foi todavia demasiado severa para a força actual.

A direcção do torneio foi confiada à Comissão técnica do Grupo de Xadrez do Clube dos Caçadores Portugueses, actuando o júri constituído pelos srs. eng. Rodrigues da Silva e dr. Manuel Antunes.

A segunda fase do campeonato é iniciada de seguida, com o concurso dos seis primeiros classificados do presente Torneio de Mestres.

Não podemos deixar de salientar aqui a ausência de Francisco Lúpi na competição máxima do xadrez nacional, e quanto ela pode significar nos resultados finais da prova.

Tudo leva a crer que Francisco Lúpi, que na época transacta ganhou o Torneio de Mestres sem lhe ter sido oferecida a oportunidade de disputar o título máximo, verá mais uma vez negada essa possibilidade... porque preferia ir a Londres provar ao Mando que em Portugal também há jogadores de xadrez.

Vasco C. Santos